



27.08 > 03.11.2018

Poética da Elevação

Juliano Garcia Pessanha

Se o peso goza dos privilégios do realismo e tem a seu lado as durezas da vida, a leveza parece minoritária e paradoxal. Não é um visionário aquele que busca liberar-se da atração gravitacional? Como ousar ficar suspenso quando tudo quer apoio e como proclamar as verdades da levitação quando todos nos apontam a queda como o destino final?

No infindável debate entre o peso e a leveza e entre a preguiça do suporte e as tensões da suspensão, *Asterismos*, de Artur Lescher, responde com a vitória do leve e do ascensional. A maior parte dos objetos da instalação, apesar de dotados de grande massa, flutuam como iogues matemáticos e entidades levitantes. Os compostos por fios tensionados são atravessados pela luz e pela atmosfera do espaço; naqueles onde se identifica uma base como a parede ou o próprio chão, no caso da peça em que os fios partem de círculos que formam um nó borromeano, formam-se feixes relacionados com o alto.

Na contramão do brutalismo do fático e dos pacotes vivenciais chancelados pelo real, o trabalho do artista aposta na transfiguração apolínea: a dor e o monstruoso existem, mas eles migram para tensões e cortes, onde o susto quebra a respiração. (A propósito do adjetivo empregado para essa transfiguração, é bom salientar que o próprio deus solar Apolo, filho de Zeus, artífice da harmonia e do equilíbrio, lutou contra Píton e nunca visou pôr fim às pulsões humanas, mas justamente orientá-las em direção a um ideal de cultura.)

Se estamos diante de um descolamento do baixo, é fato que as obras não tomam uma distância muito grande do chão, mas sem nunca escapar de sua conexão com o alto. As formas geométricas dos padrões estelares desenham o piso através das sombras do que sobre ele paira. Já aquilo que pode ser refletido em superfícies polidas ou pintadas em processo industrial, no caso das peças maciças, em madeira e metal, ou

atravessadas, nas compostas por fios, está em diálogo estreito com a atmosfera e a luz do espaço em que estão inseridas.

A beleza, por sua vez, ao voltar para quem a observa espécies de espelhos reluzentes, mas estreitos e de pontas tanto afiadas quanto frágeis, não é acolhedora, nem está disponível ao toque, à interatividade. Não há mergulhos de intimidade, daí a ambiguidade do belo, que se esquivava da imersão. É para ser contemplado.

Se a perda da transcendência (morte de Deus) levou a um desinteresse pelo céu e confinou o homem ao terrestre e ao imanente, o artista recupera uma poética da elevação na medida em que o asterismo conecta o aqui embaixo com o lá em cima. Como pensador da arquitetura, Lescher critica o funcionalismo e propõe uma refundação não religiosa do celeste. Vinculemo-nos num jogo às formas geométricas estelares e a seus desenhos! Aqui novamente se nota o deslocamento do fático e da literalidade que caracteriza a arte contemporânea.

Quem adentra os espaços de Lescher e acolhe sua notícia presente que um dia sairemos da impaciência e da imediatez e que talvez paremos de escutar apenas o próprio grito.

Juliano Garcia Pessanha nasceu em São Paulo em 1962. Após abandonar o curso de direito no Largo São Francisco, graduou-se em filosofia. É mestre em psicologia (PUC-SP) e doutor em filosofia (USP). Lançou em 2018 os livros *Recusa do não-lugar* (Ubu) e *Epigramas recheados de cicuta*, coautoria com Evandro Affonso Ferreira. Autor também de *Sabedoria do nunca* (1999), *Ignorância do sempre* (2000), *Certeza do agora* (2002) e *Instabilidade perpétua* (2009), publicados pela Ateliê Editorial. Recebeu o prêmio *Nascente* (Abril-USP) nas categorias poesia e ficção, em 1997, e o Grande Prêmio da Crítica da APCA na categoria *Literatura* (2015) por *Testemunho transiente*, reunião de sua tetralogia pela Cosac Naify. Sua obra é marcada por um hibridismo de gêneros, entre eles, ensaio, conto, aforismo, heterobiografia e heterotanatografia. Tece estreito diálogo com a literatura, a filosofia e a psicanálise, em busca de dizer as coisas em registros múltiplos de enunciação. É professor e dirige grupos de estudo de filosofia.



08.27 > 11.03.2018

A Poetics of Height

Juliano Garcia Pessanha

While weight enjoys the privileges of realism and has the hardness of life on its side, lightness seems to be of a lesser and paradoxical quality. Isn't a visionary he who seeks to break loose from the force of gravity? How does one dare to hang in suspension when everything seeks support, and how can one proclaim the truths of levitation when everyone points to falling as our final destiny?

In the unending debate between weight and lightness and between the idleness of support and the tenseness of suspension, *Asterismos* [*Asterisms*], by Artur Lescher, responds with the victory of lightness and the ascensional. Most of the objects included in the installation, despite possessing great mass, float like mathematical yogis and levitating entities. The pieces composed of tensioned wires are shot through by light and by the atmosphere of the surrounding space; some have an identifiable base on the wall or floor, as is the case of the Borromean knot-shaped piece with myriad wires rising up from its basis of interlinked circles, forming aethereal volumes like luminous beams stretching to the aery heights.

Running against the grain of the brutalism of the phatic and the packages of experience grounded in the real, the artist's work strives for Apollyon transfiguration: pain and the monstrous exists, but they migrate toward tensions and cuts, where the startlement takes one's breath away. (Concerning the adjective used to describe this transfiguration, it should be noted that the god of the sun himself, Apollo, son of Zeus, the inventor of harmony and balance, fought against Python and never aimed to quash the human drives, but rather sought to guide them in the direction of an ideal of culture.)

Even when the pieces are unstuck from the floor, they remain close to it, while never escaping from their connection with

the lofty realms. Geometric star shapes are drawn on the floor by the shadows of what hovers above it. Whatever is reflected on polished or industrially painted surfaces, in the case of the solid pieces in wood or metal, or crossed through, in the pieces composed of wires, is in strict dialogue with the atmosphere and lighting of the space in which they are inserted.

The visual allure, in turn, dazzling the observer with slender sparkling mirrors ending sharply at fragile points, is not welcoming, nor available to the touch or to interaction. There is no immersive intimacy here, thus revealing the ambiguity of this sublime but aloof beauty. It is to be contemplated.

If the loss of transcendence (the death of God) led to a disinterest in heaven and confined man to the terrestrial and immanent realm, the artist recovers a poetics of height insofar as the asterism connects what is here below to what is there above. As a thinker of architecture, Lescher criticizes functionalism and proposes a nonreligious re-founding of the celestial. We are linked in a game to the geometric star shapes and their patterns! Here once again one notes a displacement from the phatic and from the literalness that characterizes contemporary art.

Whoever ventures into Lescher's spaces and grasps his message will foresee that one day we will leave our impatience and immediacy and will perhaps stop listening only to our own cry.

Juliano Garcia Pessanha was born in São Paulo in 1962. After dropping out of the law course at Largo São Francisco, he earned his BA in philosophy. He also holds an MA in psychology (PUC-SP) and a PhD in philosophy (USP). In 2008 he published the books *Recusa do não-lugar* (Ubu) and *Epigramas recheados de cicuta*, co-authored with Evandro Affonso Ferreira. He is also the author of *Sabedoria do nunca* (1999), *Ignorância do sempre* (2000), *Certeza do agora* (2002) and *Instabilidade perpétua* (2009), published by Ateliê Editorial. He was awarded the Prêmio Nascente (Abril-USP) in the categories of poetry and fiction, in 1997, and the APCA's Grande Prêmio da Crítica in the Literature category (2015) for *Testemunho transiente*, a tetralogy consisting of the latter four above-mentioned works, published by Cosac Naify. His work is marked by a hybridism of genres, including the essay, short story, aphorism, heterobiography and heterothanotography. He weaves a close dialogue with literature, philosophy and psychoanalysis, seeking to state things in multiple registers of expression. A professor, he directs groups in the study of philosophy.